

As Viagens Verticais de Federico Mayol e de Hans Castorp

Roberto Carlos Ribeiro ¹

Resumo:

Este ensaio aborda a questão da “viagem” na literatura de dois autores modernos, Thomas Mann e Enrique Vila-Matas. A viagem está presente na base de quase toda a literatura ocidental. Junto dessa questão, encontra-se a seqüência natural do viajante: o ato de comparar. A viagem não é somente o deslocamento horizontal; a viagem vertical é o resultado da união do deslocamento geográfico com o deslocamento memorável, produzindo relações do exterior com o interior. As personagens das duas obras, viajando escarpa abaixo, chegam ao fundo do “eu”, constituído de diferentes partes reencontradas através das paisagens e memórias percorridas.

Palavras-chave:

Viagem. Deslocamento Geográfico. Deslocamento Memorável.

Abstract:

This essay broaches the question of travel in literature of two moderns writers, Thomas Mann and Enrique Vila-Matas. The trip is presents in the base of almost all the west literature. Next to this question, find the natural sequence of the travelling: the act to compare. The voyage isn't only the horizontal displacement; the vertical trip is the result of the union of geographic displacement with the memorable displacement, producing connection of outside with the inside. The

characteres of two books, traveling down slope, bring in the deep of “me”, constituted of differents parts, refinded across of sceneries and the memories traveled.

Keywords:

Trip. Geographic Displacement. Memorable Displacement.

A viagem está presente na base de quase toda a literatura ocidental. O primeiro registro escrito da história do homem, datado de 2.700 a.C., é a saga sumeriana de Gilgamesh, rei de Uruk, que viaja aos confins do mundo em busca da planta que lhe dará vida eterna. O ponto de partida da civilização ocidental está assentado sobre as duas obras de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*. Esta narra as aventuras do valente Ulisses que perambula por mares e terras gregas, na tentativa de retornar para os braços de Penélope. As viagens portuguesas são matéria para Os *lusiadas*, de Camões. As viagens de descobertas do século 16 confirmam a tendência do homem a ser peregrino pelas vastas paisagens do globo. Para Walter Benjamin ², na categoria de narradores verdadeiros, só existem dois tipos: os que viajam e contam suas aventuras e aqueles que ficam parados, mas dão ouvidos aos viajantes e suas histórias e depois as reproduzem. Na modernidade, a volta de Ulisses, pelas mãos de James Joyce, refaz o constante ímpeto humano de viajar e descobrir.

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS. Doutorando em Teoria da Literatura pela PUCRS.

E-mail: robertocarlosribeiro@bol.com.br

² BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter e alii. Os pensadores. São Paulo: Abril S.A., 1983.

Na outra ponta dessa questão, encontramos a seqüência natural da viagem: o ato de comparar, já que a viagem leva a outros espaços e outras culturas. A literatura comparada, suplantando sua mais difícil questão inicial, a da literatura como influência, questão essa que tanto mal fez com relação às culturas colonizadas, aqui se retém na relação estritamente de concepção humana. Duas personagens, de tempos, idades, condições sociais e culturais diferentes, se encontram em um ponto de conversão e conexão entre eles: são seres perdidos, tentando encontrar a si mesmos perante um mundo esfacelado. O espaço diferente no qual elas chegarão será o local do encontro marcado com o conhecimento do outro "eu" que faz parte da complementaridade de cada um.

Questão de Viagem

Empreende-se atravessar o mar da literatura, às vezes de águas calmas e claras, às vezes turbulentas e escuras, carregando no bojo dessa nau capitânia duas obras: *A viagem vertical* (1999)³, do espanhol Enrique Vila-Matas (1948), e *A montanha mágica* (1924)⁴, do alemão Thomas Mann (1875-1955). Para tanto se faz necessário, de antemão, caracterizar alguns conceitos.

O primeiro conceito de viagem seria o deslocamento de um ponto A para um ponto B, em sentido horizontal; um terceiro ponto pode aparecer. Regina Zilberman destaca a verticalização da narrativa:

Viagens significam deslocamento no espaço, e sua visualização mais simples e usual é resumida pela linha horizontal. Mas podem tomar configuração vertical: Ulisses desce aos infernos, Gilgamesh, ao fundo do mar. Na História verdadeira, em que Luciano, no século II, parodia a Odisséia, de Homero, e os Argonautas, de Apolônio de Rodes, contam-se episódios ocorridos na Lua e nos Campos Elíseos, num permanente desafio à força da gravidade e às possibilidades de trânsito entre o alto e o baixo (ZILBERMAN, 2003, p. 119).

Ou seja, uma narrativa de viagem pode ser proposta como uma bi-dimensionalidade espacial; mais ainda, pode-se criar um quarto ponto de expansão para a viagem. Nada impede que ao deslocamento no espaço se junte um deslocamento de memória, portanto, interior. A chamada viagem vertical transfere o espaço geográfico para o espaço da memória e é ali que a viagem também pode acontecer. Esse é o pensamento de Wladimir Krysinski. Para ele, "É particularmente

significativo ver que na modernidade que conduz de Cervantes à Canetti, Michaux ou Le Clézio, por exemplo, a viagem verticaliza-se de alguma maneira, e o espaço transforma-se noologicamente por interiorização e por mythopoesis" (KRYSIŃSKI, 2003, p. 24).

A conjugação dessas duas coordenadas, deslocamento horizontal e deslocamento vertical, pode resolver uma questão levantada pelo pesquisador Mikhail Bakhtin. Para ele, o romance de viagem centra-se muito mais na paisagem do que na personagem. Mudam os lugares, os países, os caminhos, mas a personagem continua a mesma, do início ao fim. O que, para ele, caracteriza os romances naturalistas antigos dos tipos criados por Petronio, Apuleio e outros. Ou seja, nesses romances, há a movimentação espacial: "o que caracteriza o tipo de romance de viagem é uma concepção puramente espacial e estática da diversidade do mundo", mas não há a movimentação psicológica de transformação da personagem como ser humano: "a imagem do homem – apenas esboçada – é inteiramente estática, como é estático o mundo que o rodeia" (BAKHTIN, 1992, p. 224-225). Para Bakhtin, o essencial não é o deslocamento geográfico, mas a transformação pessoal. Ele exclui aquelas personagens, comuns em romances, que de pobres se tornam ricas, proletárias em burguesas, mendigos em príncipes. Não é dessa mudança que ele fala, mas de uma transformação mais profunda, que cale na alma humana. Para ele, "esse tipo de romance [de viagem horizontal] ignora o devir, a evolução do homem. E mesmo quando a situação do homem se modifica (...), ele mesmo continua inalterado" (Idem, *ibidem*). A solução é juntar as duas coordenadas, como já dissemos acima.

Os Romances

As personagens dos dois romances podem muito bem representar essa transformação do ser através da viagem vertical; o trajeto do encontro do homem, no fundo da consciência, consigo mesmo e com a realidade que o cerca.

A Viagem Vertical

Logo após a comemoração de suas bodas de ouro, Julia decide se separar do nacionalista catalão Federico Mayol. Casados há cinquenta anos, aparentemente em plena harmonia, pais de três filhos, Ramón, Maria e Julián, excelente situação financeira, Julia resolve que é hora de se libertar da opressão do marido, pegando esse de surpresa. Posto para fora de casa, Federico opta, depois de muito relutar, por viajar,

³ VILA-MATAS, Enrique. *A viagem vertical*. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

⁴ MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

seguindo os conselhos dos amigos. Saindo de Barcelona, Espanha, Mayol começa a “descer” pelo mapa Europeu em direção à ilha da Madeira, no oceano Atlântico, passando pela cidade do Porto, Portugal. Essa viagem vertical, segundo os mapas, será o reflexo paralelo da viagem vertical, no sentido das memórias, em que a personagem viajará durante todo o deslocamento geográfico.

A Montanha Mágica

Hans Castorp, jovem burguês alemão de vinte e quatro anos, vai visitar seu primo Joachim Ziemssen, internado no Sanatório Internacional Berghof, em Davos, Suíça, às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Pretendendo passar apenas três semanas, Hans fica sete anos internado, pois, lá chegando, descobre ser portador do bacilo da tuberculose. Essa é a viagem do hamburguense. Ele sai da planície, da sua cidade e sobe até os Alpes Suíços. É nessa comunidade que o jovem se tornará aprendiz da vida, tendo como instrutores a doença e o convívio com pessoas de todas as partes do mundo, “prisioneiros” da montanha como ele e seu primo. O contato com dois pacientes será um verdadeiro encontro com a cultura. Settembrini e Naphta tentarão cooptar o jovem Castorp para as suas filosofias de vidas. Sendo assim, o aprendizado se tornará uma espécie de segunda viagem a que será submetida a personagem.

A Viagem como Deslocamento Geográfico

Federico Mayol viaja percorrendo terras da Espanha e de Portugal. Hans Castorp se desloca da Alemanha para a Suíça. O espanhol desce pelo mapa: “sua improvisada viagem vertical para o sul”⁵ parte de Barcelona, passando pelo Porto até o ponto final, a ilha da Madeira. O alemão faz uma viagem ao contrário da de Mayol. Castorp, em vez de descer, subirá. Sairá de Hamburgo com destino aos Alpes Suíços. Sairá da planície para a montanha. Um desce, outro sobe. Um é idoso, outro jovem. Um acha que já viu e já viveu tudo o que a vida podia oferecer. O outro não conhece quase nada dela. Ambos são exilados de suas cidades. Castorp sai de Hamburgo, Mayol foge de Barcelona. Não é em seus locais de origem que aprenderão aquilo que devem conhecer. Sim, apesar da diferença de idade e do provável conhecimento da vida que o espanhol Mayol pensa ter, ele também, como o jovem Castorp, irá descobrir que não sabe tudo da existência e que sempre é possível aprender aquilo que não se teve coragem de saber quando de épocas passadas. Fora de seus territórios, deverão atravessar as fronteiras dos seus países, assim como deverão atravessar as suas próprias fronteiras pessoais.

Nesse contexto, Castorp atravessará apenas a fronteira geográfica entre o sul da Alemanha e a Suíça. Mas essa viagem, segundo o narrador, não é tão simples. As páginas iniciais do romance atestam o longo deslocamento empreendido pelo jovem Hans apenas para uma visita de três semanas: “Mas de Hamburgo até essas alturas [Davos-Platz]; a viagem é longa, demasiado longa, na verdade, para uma estada tão curta”⁶. É o momento da saída da planície para se embarcar rumo às alturas: “começa a parte deveras aventureira da viagem, uma escalada brusca e penosa que parece não ter fim (...) A partir dela, porém, entra-se na própria montanha, por uma estrada rochosa, áspera, angustiante”⁷. Metaforicamente, a travessia entre o baixo e o alto da geografia europeia traz as dificuldades de uma outra viagem: crescer aprendendo com as dificuldades da vida, que o jovem alemão vai ter de enfrentar.

Mayol atravessará a fronteira entre Espanha e Portugal e entre este país e a ilha da Madeira. A viagem lhe parece a única saída do beco em que a mulher o meteu: “Irei embora para o Porto (...) se algo não funcionasse bem, sempre poderia voltar a Barcelona ou ir a Paris (...) Essa cidade poderia ser simplesmente o primeiro porto de sua fuga sem fim”⁸. No entanto, a insistência da personagem em partir para uma cidade chamada Porto demonstra a sua dúvida em poder recomeçar uma vida solta de amarras. A busca do porto como âncora de decisões, inconscientemente acompanha as decisões da personagem. Além dessas fronteiras delimitadas geograficamente, as duas personagens terão contatos com outras nacionalidades através do convívio com pessoas de outros países. Hans Castorp, no seu novo mundo da montanha, se deparará com várias nacionalidades, suíças, italianas, russas, mexicanas, etc. Mayol conhecerá o pensamento de vários professores não espanhóis através da participação em seminários na ilha da Madeira, além dos portugueses.

Assim, a viagem aparece para as duas personagens como o momento de separação do local de origem, como se fosse a hora de separar o bebê da mãe através do rompimento do cordão umbilical. A viagem é o deslocamento no espaço que quebra a posição de paralisia em que se encontravam Castorp e Federico. É o momento de partir do ponto estagnado para a abertura de um novo mundo, de novas paisagens e de novos conhecimentos. É o momento de se fechar a porta para uma cultura e abrir várias outras para culturas diferentes. É o momento de se descobrir como parte de um quebra-cabeça muito maior do que o estreito local de origem. Conseqüentemente, o deslocamento no espaço, de que a viagem é o principal motivo, se torna o deslocamento

⁵ VILA-MATAS, 2004, p. 177.

⁶ MANN, 2000, p. 09.

⁷ Idem.

⁸ VILA-MATAS, 2004, p. 84-5.

de cultura, de conhecimento; se torna o modo de se verificar que não se sabe tudo e que o mundo é muito mais vasto, largo e profundo do que aquilo que se imaginava. Ao distanciarem-se das suas origens, paradoxalmente, tanto Mayol quanto Castorp, em vez de afastarem-se de si mesmos, vão ao encontro de uma nova identidade.

A Viagem como Deslocamento Memoriável

Julia se dirige ao marido: "Não sei quem sou, essa é a única realidade. (...) Decidi, nos poucos anos que me restam, descobrir quem sou realmente ou, no mínimo, quem poderia ter sido e não fui. Eu preciso"⁹. Cansada de viver à sombra do marido, Julia decide que ele deve sair de casa para dar espaço para que ela se descubra. Federico, que até então se achava no paraíso, tem uma desagradável surpresa: não conhece mais a sua mulher: "Julia, já somos velhos, velhos demais. Sempre fomos felizes"¹⁰. A felicidade de ambos, percebe-se ao longo da narrativa, era falsa. A mulher se declara infeliz logo nas primeiras páginas do romance e depois desaparece. O enredo está voltado para as situações vivenciadas pelo marido e não pela mulher (o que daria um outro ótimo livro com o foco centrado em Julia). Temos toda a narrativa para descobrir que Mayol também não era feliz. Através de suas recordações e durante o deslocamento no espaço, presenciamos as decisões abortadas, que durante toda a vida conduziram a personagem para caminhos não escolhidos por ele.

O narrador de *A montanha mágica* conhece profundamente o jovem Castorp e sabe que a estada no sanatório, que deveria durar vinte e um dias, será prolongada indeterminadamente. Será nesse lapso de tempo que o jovem hamburguês fará a sua viagem de aprendizado: "dois dias de viagem apartam um homem – e especialmente um jovem que ainda não criou raízes firmes na vida – do seu mundo cotidiano, de tudo quanto ele costuma chamar seus deveres, interesses, cuidados e projetos; apartam-no muito mais do que esse jovem imaginava, enquanto um fiacre o levava à estação"¹¹. O afastamento das suas origens, o rompimento com sua cidade causará uma transformação muito maior do que a imaginação de Hans poderia supor.

Portanto, as duas personagens estão soltas na vida, separadas de suas âncoras passadas. Mayol parte, assim como Castorp, para a viagem de conhecimento do outro e de si mesmo. Segundo Maria Luíza Ritzel Remédios, "a viagem que Hans Castorp faz não é apenas aquela que vai levá-lo para o alto da montanha, mas principalmente a que o faz transpor seu mundo restrito e burguês para 'outro mundo' em que o homem é dissecado e no qual brotam novos sentimentos, novas perspectivas" (REMÉDIOS, 2000, p. 255). Sob o mesmo ângulo, a viagem de Federico também será aquela que o

fará transpor seu mundo de homem casado para o de homem "solteiro", como se lhe fosse restituído aquele tempo de juventude em que é dada a escolha de um caminho, a formação de uma personalidade. Apesar de estar na curva descendente da idade, Federico, diferentemente de Hans, que está na curva ascendente, tem algo em comum com o alemão: ambos estão à procura de si mesmos.

Castorp encontrará em seu refúgio na montanha dois grandes mestres que irão disputar a primazia do seu aprendizado: Settembrini e Naphta. O primeiro é um escritor, humanista italiano, crente na liberdade, na democracia e superioridade do individualismo humano. O segundo é um jesuíta, representante da metafísica religiosa. Os dois pensadores convivem em eterno debate, buscando, cada um, reafirmar as suas crenças como fator de conhecimento e vivência. Nesse "tiroteio" de idéias, Hans fica no meio, como aluno especial que é, pois se interessa pelas discussões filosóficas dos dois novos amigos, diferentemente de seu primo Joachim, que de idéias abstratas não entendia nada, querendo somente se curar para poder seguir a carreira de militar. É através dos debates dos dois mestres que o narrador introduz as questões sobre a beleza, a literatura, o tempo, a liberdade, a música e a guerra, entre tantos outros temas. E assim, Castorp vai aprendendo a conviver com as idéias opostas dos debatedores, incluindo, algumas vezes, as suas próprias opiniões.

Uma característica da personagem, acusada pelo narrador, é a volubilidade de intenção. Ele, na verdade, não tem para si um rumo certo, traçado e objetivo. Hans segue segundo o vento. É sem convicção que ele parte para visitar o primo na montanha. Depois da estada de algumas semanas, se sente como que fruto daquele lugar. Profissionalmente acaba se encaixando na engenharia não por vontade própria, mas por decisão de seu tio-pai, o cônsul Tienappel. Mesmo no sanatório, ele inclina os seus estudos de acordo com os assuntos que vão aparecendo nas discussões. Acaba mergulhando nos estudos de anatomia, fisiologia, patologia e biologia, estudos esses que apontam a influência humanística na sua formação. Se ao chegar ao sanatório ele não via a hora de sair de lá, depois de alguns anos Hans não pensa mais na planície, ou melhor, quando pensa nela é para deduzir que não conseguirá viver diferentemente da vida que está levando na montanha. Hans é uma espécie de camaleão que se adapta rápido e muito bem ao ambiente em que está.

Nesse sentido, Mayol é diferente. Com quase oitenta anos de idade, imaginando que a vida estava prestes a terminar da forma como ia seguindo, casado, sossegado e "feliz", ele se vê, de repente, jogado no meio do turbilhão da vida. Homem objetivo que ganhou fortuna no ramo de seguros, agora dirigido pelo filho mais velho, Ramón, e seu orgulho, Federico não se adapta facilmente quando é transferido de lugar e objetivo.

⁹ VILA-MATAS, 2004, p. 14.

¹⁰ Idem.

¹¹ MANN, 2000, p. 10.

Reluta muito até entender o que a mulher está exigindo dele. A viagem ao Porto e à ilha da Madeira não se dá de forma tranqüila. Mayol tem dentro de si uma inquietação que até o momento presente tinha estado adormecida: a falta de formação escolar. Tinha de sobra a formação da “escola da vida”, mas no currículo pessoal faltava-lhe o diploma da universidade. A guerra civil espanhola tinha sido a culpada pela lacuna de instrução da personagem. Federico carrega essa falta que aflora depois da decisão da separação do casal: “Mayol não pudera cursar a universidade por causa da guerra. Depois, a necessidade imediata de ganhar a vida, os negócios, o afastaram da cultura”¹².

Diferentemente de Castorp, Federico não tem o conhecimento acadêmico que sobra na outra personagem, mas tem o conhecimento da vida, o qual Hans pretende encontrar na solidão da montanha. Segundo Anatol Rosenfeld, “Hans Castorp é o herói anti-herói desse romance do desenvolvimento d’alma, o qual se perdeu para encontrar-se” (ROSENFELD, 1994, p. 48). Mayol também se perde para encontrar-se. Nesse sentido ambos são anti-heróis, são personagens degradados que refletem a condição do mundo contemporâneo em que o homem não consegue se encontrar e quanto mais se busca, menos se encontra. Mayol tem o discernimento de que será difícil recomeçar: “Nunca chegara a imaginar que numa idade tão avançada se veria obrigado a recomeçar a viver”¹³. Enfrentar o mundo, que lhes é hostil, é a determinação desses dois homens.

Federico e Castorp cumprem aquilo que para Bakhtin é a formação para a evolução do homem. A consequência natural da viagem é o crescimento do homem enfrentando as barreiras e dificuldades que colaborarão para a sua transformação. Essas duas personagens não se transformam de uma hora para a outra. Há toda construção da procura da identidade, do encontro do seu lugar em um mundo que não pode mais ser um porto seguro para ninguém. Junto ao romance de viagem, Bakhtin coloca a personagem imutável, ou pré-estabelecida do herói, como ele diz, incluídas aqui aquelas que mudam como o reverso de uma medalha (de pobre para rico, por exemplo). Mas, para o pesquisador, existe um herói não estático, nem concebido como uma unidade dinâmica. Esse herói, ou melhor, anti-herói, é a personagem de alguns raros romances. Pode-se dizer, por oposição, que são personagens de romances de viagem por verticalização. A própria construção do seu ser, através de obstáculos, cria o espaço não-geográfico da decifração do próprio homem. “Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável” (BAKHTIN, 1992, p. 237). Por isso, as duas personagens em tela são tão fragmentadas, incompletas; pois estão em formação

constante com relação às outras pessoas e com o mundo. Por isso, também, as paisagens não são tão relevantes nas duas narrativas, que mergulham muito mais nas problematizações das figuras humanas.

Federico Mayol, partindo de Barcelona, chega à cidade mitológica de Atlântida, o “Porto Metafísico”. Tal citação é de seu filho Julian, que um dia sonhou com um quadro pintado por ele em que o Porto Metafísico era representado como uma parte de Atlântida. Mayol, na sua viagem vertical, chega a essa cidade que a mitologia diz existir embaixo das águas, em algum lugar do globo terrestre. Mayol, finalmente, chega ao fim de sua viagem vertical. Só, sem tudo aquilo que acumulou na vida, família, esposa, filhos e dinheiro, Federico chega ao seu destino apenas com o conhecimento adquirido na escola e na universidade, que ele diz estar cursando agora: “De manhã vou ao colégio e, de tarde, à universidade. Espero morrer sabendo o que é o big bang; enfim, sou um especialista na sabedoria do afastamento”¹⁴.

O afastamento da origem, ou seja, o nascimento, é o acúmulo de conhecimento que a personagem reconhece ter adquirido. Tal distanciamento identifica um ponto tão distante que já aponta para a morte, a última viagem. Na verdade, o leitor não sabe bem o que aconteceu com Federico, já que ele se tornou uma personagem do romance escrito por Pedro. O final desse romance está a cargo do autor que seguia os passos da personagem. Esta, diabolicamente, desaparece e pede para que o autor crie o final da narrativa. Nele, o anti-herói dorme, sonha e faz, provavelmente, a derradeira viagem:

Deixando-se levar por sua excepcional capacidade para afundar, sentiu-se a própria Atlântida, no breve espaço de uma noite, tremendo em meio a terremotos e inundações e, sem mais ouvir a estranha sardana, iniciando sua última descida, numa imersão muito vertical, afundando em sua própria vertigem, chegando ao país onde as coisas não têm nome e onde não existem deuses, não existem homens, não existe mundo, só o abismo do fundo¹⁵.

A viagem vertical está terminada “finalmente”, como diz a personagem em sua última fala. Está terminada a viagem que levou Federico ao afastamento da sua origem. O distanciamento do velho à procura do novo e do homem sólido e unificado, que ele achava que era, em direção ao ser fragmentado, perdido na sua identidade. O homem que descobriu que a mulher era infeliz ao seu lado; que o filho mais velho, seu orgulho, odiava a vida que levava; que o filho mais novo o desprezava como a um analfabeto cultural e que a filha não se preocupava com ele. Por fim, descobriu que

¹² VILAS-MATAS, 2004, p. 20.

¹³ Idem, p. 22.

¹⁴ Idem, p. 251.

¹⁵ Idem, p. 252.

seguir na vida não as suas vontades, mas as vontades de seu pai. Essa viagem vertical pelos sentimentos e pelas memórias termina na viagem vertical ao mundo do descobrimento de si mesmo, frente ao espelho da verdade. Metaforicamente, a mulher de Mayol, Julia, ao expulsá-lo de casa, prefigurou a imagem da mulher que expulsa o feto de seu útero para que “caia” na vida. Assim, Federico como que renasceu ao ser parido por sua mulher para enfrentar uma nova vida, uma vida curta no espaço-tempo, mas longa na memória e no reconhecimento de si mesmo.

Em Castorp, o afastamento da origem produz em sua pessoa o conhecimento da vida em plena aprendizagem. É enfrentando o ambiente da doença, que provavelmente ele não possuía, que a personagem se depara com as reais necessidades de sua formação (e por isso esse é um romance nomeado de romance de formação, segundo a tipologia criada por Lukács). Vivendo sete anos na montanha, Hans convive todo esse tempo com o espectro da morte que assombrava os corredores do sanatório. É em plena atmosfera rarefeita dos Alpes, local constantemente pintado de branco pela neve, que a personagem encontrará diversas vezes a mancha repugnante da morte. No entanto, é nesse ambiente cheirando a finitude humana que o aluno aprenderá as bases filosóficas da vida. Ao ser retirado de seu sossego, quando da eclosão da Grande Guerra, o jovem se vê diante de uma nova encruzilhada que a vida lhe oferece. Mais uma vez ele não é capaz de decidir por si só, as circunstâncias acabam decidindo por ele. Como bom camaleão, Castorp vê o momento de deixar a montanha e voltar para a planície. É hora de deixar as alturas e voltar para os locais baixos; é hora, também, de deixar a morte metaforizada para enfrentar a própria, olhos nos olhos, na frente de combate.

Estranhamente, Hans toma o lugar do primo militar Joachim e se alista nas fileiras do exército alemão. O seu aprendizado para a vida, paradoxalmente, acaba servindo apenas para a morte. A sua viagem de ascensão tem como porto o imanente. Sem pai, nem mãe, nem parentes próximos, o anti-herói está só. Luta por causas que não lhe são próprias. Está abandonado até pelo próprio narrador: “Adeus – para a vida ou para a morte! Não queremos apostar muita coisa na tua possibilidade de escapar. Para falar com franqueza, não sentimos grandes escrúpulos ao deixar indecisa essa questão”¹⁶.

Castorp desce da montanha até a planície. Federico Mayol desce da terra até a planície de Atlântida: “se um dia me procurar, deve saber que poderá me encontrar numa casa do Ensanche, numa casa da Grande Planície que está ao norte da capital da ilha afundada”¹⁷. As duas personagens, na realidade, completam as suas viagens de formação quando se encontram em um ponto geográfico abaixo da linha de

aprendizagem. Para Federico parece ser o ponto final, provavelmente para Castorp também, mas não se pode afirmar tal coisa, visto estar a personagem em pleno combate, em plena guerra. Batalha essa que não é sua, mas pode muito bem representá-lo, já que nas alturas da montanha mágica ele aprendeu a teoria; na planície tentará pôr em prática o seu conhecimento.

Assim, temos através dos títulos das obras em estudo um resumo extraordinário das narrativas. A partir da montanha mágica, local com dons especiais, com uma atmosfera propícia para a obtenção da leveza do corpo e da alma, viajando escurpa abaixo, chega-se, através da viagem vertical, ao fundo do “eu”, constituído de diferentes partes, reencontradas através das paisagens percorridas, das memórias cultivadas e buscadas, da aprendizagem e da formação. Tal viagem interior, própria daqueles que pensam a sua condição no mundo, produz o homem móvel, anti-heróico, por isso problemático, mas não menos homem, ser preparado para a luta contra a imobilidade totalizante do passado arcaico. Homem fragmentado, pois vivente de um mundo fragmentado. Homem à procura de si e do outro através das várias e indescritíveis viagens pela vida.

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter e alii. *Os pensadores*. São Paulo: Abril S.A., 1983.
- KRYSINSKI, Wladimir. Discurso de viagem e senso de alteridade. In: *Organon*, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, v. 17, n. 34, 2003.
- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- REMEDIOS, Maria Luiza Ritzel. A montanha mágica: um romance de formação. In: *Vidya. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano*, v. 19, n. 34, julho/dezembro 2000.
- ROSENFELD, Anatol. *Thomas Mann*. São Paulo: Perspectiva, Edusp; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- VILA-MATAS, Enrique. *A viagem vertical*. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. Brás Cubas viajante. In: *Organon*, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, v. 17, n. 34, 2003.

¹⁶ MANN, 2000, p. 986.

¹⁷ VILA-MATAS, 2004, p. 251.